



A hermenêutica do encontro em Althusser: a significação como encontro

Gleiton Matheus Bonfante

Universidade Federal Fluminense, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, 24210-201, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: supergleiton@gmail.com

RESUMO. Este artigo investe no 'materialismo do encontro' como modelo explicativo da significação, propondo-o como caminho viável de produção de saber metalinguístico. Ao fazer do materialismo aleatório uma questão de epistemologia linguística, esse artigo discute o real da língua, a arbitrariedade do signo e a significação como expoentes filosóficos do encontro. A partir de uma leitura de Milner (2012) e de Althusser (1994b, 2005), propõe expandir o círculo de filósofos entendidos como materialistas do encontro. A partir de uma discussão filosófica sobre a significação pelo encontro, acena-se para a possibilidade de que toda linguística e antropologia estruturalistas que abraçaram a arbitrariedade do signo como axioma norteador podem ter endossado a corrente subterrânea do materialismo do encontro, de que fala Althusser.

Palavras-chave: epistemologia da linguagem; estudos althusserianos da linguagem; filosofia metacrítica da linguagem; significação; história das ideias linguísticas.

Althusser's hermeneutics of encounter: meaning making as encounter

ABSTRACT. This article invests in the Althusserian materialism of the encounter as an explanatory model of signification, approaching it as a valid path for the production of metalinguistic knowledge. By making aleatory materialism a matter of linguistic epistemology, this article discusses Lacanian real of language, the arbitrariness of the sign, and the phenomenon of signification as philosophical exponents of the encounter. Based on a reading of Milner (2012) and Althusser (1994b, 2005), this article proposes expanding the circle of philosophers understood as materialists of the encounter. Based on a philosophical discussion of signification through encounter, it suggests the possibility that all structuralist linguistics and anthropology that embraced the arbitrariness of the sign as a guiding axiom may have endorsed the undercurrent of the materialism of the encounter, which Althusser posits.

Keywords: language epistemology; althusserian studies of language; metacritical philosophy of language; signification; history of linguistic ideas.

Received on May 21, 2024.
Accepted on October 28, 2024.

Introdução

O sujeito não é a fonte do sentido. Esse é um axioma essencial para que este texto filosófico sobre a significação faça sentido como instrumento teórico-ético-filosófico. Essa posição me foi apresentada pelos filósofos¹ Michel Pêcheux (1995), e Michel Foucault (1993) os quais propõem em contrapartida que o sentido se aloje no discurso e na história. Aqui, no entanto, nem discurso, nem história substituirão o sujeito fundante pois neste texto o sentido é creditado à 'hermenêutica do encontro'. Não qualquer encontro, mas aquele que pega, que dá liga e que, por isso, dura. E pega de tal forma que faz parecer a própria pega² ser antecedida por uma força outra, motivadora, explicativa.

Pela perspectiva da hermenêutica do encontro althusseriana, a linguagem possui materialidade aleatória. Ela jaz no encontro da língua com a boca, nas bilabiais, na convergência da língua nos dentes. A linguagem produz sentido no encontro aleatório do símbolo na pedra, do lápis no papel, da vogal com a consoante. É um mero *encontro* que produz materialidade linguística, produz sentido. Tanto que a aleatoriedade de um encontro parece ser, por vezes, o único gesto que garante à significação sua possibilidade de vingar. Essa ideia

¹ Foucault foi aluno de Althusser, Pêcheux foi orientado por Althusser. Eles pensaram amplamente sobre língua, criando suas próprias filosofias da linguagem com específicos modelos explicativos para a produção de sentidos, que, embora originais, tinham como característica pensar a linguagem e história congregadas sob o conceito de 'Discurso'.

² Conceito de *pega* foi proposto ao português por Mônica Zoppi-Fontana em tradução de 2005, na qual sugere o termo 'pega' para *prise*, participação do verbo *pendre* e fez uma generosa adição das notas da tradução italiana, escritas por Vittorio Morfino e Luca Pinzolo.

é testada e perseguida neste artigo, que se propõe a mergulhar na discussão sobre (o real da) língua para explorar filosoficamente a aleatoriedade como gesto explicativo da produção de significado. Inspirado nas obras *A corrente subterrânea do materialismo do encontro* de Althusser (2005) e *O amor de língua* de Milner (2012), a discussão pensa o materialismo do encontro como enquadre teórico-filosófico para compreender os inalcançáveis fenômenos de significação encompassados pelo real da língua. O texto parte da comunhão entre Milner (psicanalista) e Althusser (marxista), dois autores franceses. Esse encontro entre os dois nos coloca no campo de uma filosofia metacrítica da linguagem (Cabrera, 2003). Cabrera posiciona a psicanálise e o marxismo como filosofias metacríticas da linguagem, explicando que seu combustível é tanto um desejo hermenêutico como um desejo de incompreensão. Em suas palavras, o ângulo

[...] metacrítico é uma dimensão reflexiva sobre a linguagem [...]. Em seu desenvolvimento tanto na crítica das ideologias (Marx) quanto na psicanálise (Freud), a metacrítica é a conjugação de uma intenção compreensiva (este seria seu ‘momento hermenêutico’) e de uma disposição de desmontagem e desmascaramento que, nessa medida, constitui uma espécie de disposição a não compreender (Cabrera, 2003, p. 169, grifo nosso).

Essa disposição à compreensão incompreensiva é o laço metacrítico entre Althusser e Milner, autores muito diferentes. O Althusser deste artigo é o de sua última fase intelectual: um filósofo balançado por um assassinato, pela esquizofrenia e já tocado pela interdição do discurso do louco, da qual nos fala Foucault (1971). Ele mergulha na história da filosofia e encontra uma tendência filosófica que perpassa o trabalho de vários autores como fio de coerência, como ideologia, ou ‘formação discursiva’ (Foucault, 1972) compartilhada subterraneamente: o materialismo do encontro. Já o Milner do texto, é um implacável estudioso da epistemologia linguística que ao mesmo tempo em que procura traços semânticos comuns a todas as teorias que se chamam linguísticas, é crítico à forma como Saussure, pai da linguística, estabeleceu uma ciência a partir do método euclidiano. O interesse de Milner é o ‘real da língua’, que o linguista deseja estar onde não se encontra. Para argumentar pela produtividade desse encontro filosófico entre o ‘materialismo do encontro’ e o ‘real da língua’ sigo explicando brevemente o materialismo do encontro (próxima seção) e o real da língua (segunda seção). Nas duas seções subsequentes, discuto a presença da arbitrariedade do signo no seio do materialismo do encontro (terceira seção) e finalmente (seção quatro) ensaio minha proposta de pensar a significação como um encontro material, fruto da chuva, do desvio, do aleatório: denominações distintas para expressar o primado do acaso e da não antecedência do sentido sobre a mundo.

Antes do próximo passo é importante ressaltar que é na relação entre sentido e mundo que jaz o interesse filosófico e linguístico pela ‘significatividade’. “Significar corresponde a uma remissão que faço, com base em minha experiência, entre dois elementos do mundo real” (Auroux, 2009, p. 53). O interesse pela significatividade perpassa toda a filosofia ocidental que pensa a linguagem (Martins, 1999) e faz, por vezes, borrar os limites seguros entre filosofia e linguística, pela comunhão de um interesse central: como a significação se dá. Com razão, “[...] a relação entre a linguística e a filosofia se trava principalmente no campo da semântica” (Martins, 1999, p. 442). É na semântica que filósofo e linguista se veem por um quiasma momentâneo, já que a produção de sentido é o ponto de encontro entre a linguística e a filosofia. Se, como propõe Cabrera (2003, p. 17), a “[...] significatividade será entendida de maneiras muito diversas pelas diferentes filosofias da linguagem [...]”, então aqui, a significatividade é pensada como um *encontro*, o qual é proposto como um mecanismo explicativo dos fenômenos de sentido.

Tendo em vista essa breve introdução, proponho nesta tessitura a comunhão de duas propostas de “[...] captação do real [...]” (Cabrera, 2003, p. 17) que, em conjunção, podem fornecer uma proposta linguístico-filosófica para a significação. É este o gesto aqui: pensar o materialismo do encontro como proposta de captação do real da língua. As três partes que seguem, se referem a três conceitos/paradigmas filosóficos (materialismo do encontro, real da língua, arbitrariedade do signo) sobre linguagem que podem ser tomados como axiomas da significação como encontro.

Materialismo do encontro

O texto *A corrente subterrânea do materialismo do encontro* remonta aos trabalhos de Epicuro, Heidegger, Maquiavel, Espinosa, Hobbes, Rousseau e Marx para desenterrar uma corrente de pensamento que celebra o desvio, a constituição aleatória da realidade e a beleza do encontro numa existência de muitos desencontros. É um texto que desafia qualquer dogma de proveniências. É creditado ao ‘terceiro³ Althusser’ (Tosel, 2012)

³ Em seu capítulo sobre o materialismo do encontro, Tosel (2012) descreve o Althusser IIII como um filósofo “[...] em ruptura epistemológica e filosófica com Althusser I e II” (Tosel, Acta Scientiarum. Language and Cululture, v. 47, e72294, 2025

que nele submete o interesse filosófico ao primado da contingência. O texto foi escrito no começo dos anos 80, mas permaneceu inédito até a publicação em 1994 para a qual ele foi editado por François Matheron. Nele, Althusser discorre sobre o *materialismo do encontro*, um movimento filosófico considerado subterrâneo por dois motivos: primeiramente pelo fato desse materialismo escapar a oposição interna à história da metafísica ocidental: o idealismo-materialismo. E também porque tal “[...] tradição teria atravessado os séculos permanecendo invisível à superfície, invisível porque combatida, incompreendida, removida” (Morfino, 2006, p. 16). O objetivo de Althusser (2005, p. 10) ao revisitar a corrente de uma “[...] tradição recusada [...]” era retirar de seu recalcque esse materialismo do encontro, reconhecer seus efeitos ocultos e localizá-lo no cerne de uma epistemologia materialista. Para o filósofo, “[...] materialismo do encontro, portanto, do aleatório e da contingência” (Althusser, 2005, p. 9) seria uma forma de pensamento escandalosamente outra que se oporia aos diferentes tipos de materialismo, fazendo-os se parecerem com um tipo de idealismo, ao subverter o par lógico causa e efeito. Seu gesto filosófico é descrito por Morfino (2006, p. 11) como: “[...] um texto que ofusca mais que ilumina, lampejos de genialidade que dilaceram lugares filosóficos comuns, agora inveterados [...]”. Esses lugares dilacerados são justamente o pacífico binômio materialismo/idealismo.

O encontro⁴ que Althusser propõe é largamente inspirado pela cosmologia espinosana deus-Natureza que lança o terreno de filosofar sobre o nada, e pela chuva de átomos de Epicuro. O nada⁵ – aporte retórico que cria as condições flutuantes do encontro – e a chuva – metáfora da “[...] tese do primado do não-encontro sobre o encontro” (Morfino, 2006, p. 22) –, são alegorias empregadas ao longo do texto para retornar à chuva de átomos de Epicuro, em cujo *clinamen*, o desvio faz vir a ser. Ao glosar Epicuro, Althusser também se levanta contra um devir logocêntrico da filosofia. Ele explica que tal desejo logocêntrico postula o significado como anterior a qualquer realidade e que a antecedência, por sua vez, é consequência da interpretação da filosofia como *Logos*, a qual ele enfrenta de várias formas: com a grafia maiúscula de ‘Desvio’, provocando uma tradição que tende a atribuir, letras capitais ao Sentido, Causa, Finalidade, Necessidade e Razão, e também, a partir de sua filiação às teses epicuristas da ‘não-anterioridade do sentido’ e de ‘desvio como originário’. Essas duas últimas me serão especialmente caras nesse texto ao pensar a significação. Como o filósofo explica: “[...] antes da formação do mundo, não existia nenhum Sentido, nem Causa, nem Fim, nem Razão, nem desrazão. A não-anterioridade do Sentido é uma das teses fundamentais de Epicuro” (Althusser, 2005: p. 10). O encontro do qual nos fala Althusser tem como efeito a existência e como causa um ‘Desvio’. Ao argumentar que muitos filósofos (Marx⁶ entre eles, em sua concepção de ‘produção’) confundem causa e efeito, ele explica que “[...] a origem de qualquer mundo e, portanto, de qualquer realidade e de qualquer sentido, deva-se a um desvio, que o Desvio, e não a Razão ou a Causa, seja a origem do mundo” (Althusser, 2005, p. 10-11). Para ele, o desvio está no cerne da existência e é dela marco. O desvio consuma o fato:

O mundo pode ser chamado o fato consumado, no qual, uma vez consumado o fato, se instaura o reino da Razão, do Sentido, da Necessidade e da Finalidade. Mas ‘esta consumação do fato’ é somente um puro efeito da contingência [...] (Althusser, 2005, p. 11, grifo do autor).

Em outras palavras, o desvio submete a filosofia da necessidade à contingência filosófica. Postular a aleatoriedade da realidade, sua submissão à contingência, sem, no entanto, pensá-la como um ‘jogo⁷ de sorte’, é um dos grandes movimentos filosóficos de Althusser neste texto. Veja como é irresistível não projetar suas ideias sobre o encontro gerador da realidade no encontro que faz significar na língua.

Outro movimento relevante do filósofo no texto em questão seria atribuir robustez a sua teoria de assujeitamento circunscrevendo o materialismo do encontro na ausência do sujeito:

Diremos, enfim, que o materialismo do encontro não é o de um sujeito (seja Deus ou o proletariado), mas o de um processo sem sujeito, que impõe aos sujeitos (indivíduos ou outros) aos quais domina a ordem de seu desenvolvimento sem fim definido. (Althusser, 2005, p. 26).

2012 p. 20). O “[...] primado da relação sobre os elementos [...]” caracteriza a fase I para Morfino (2006, 12), localizada na década de 60. A segunda fase, nos anos 70 é caracterizada por um movimento reflexivo e autocrítico sobre sua produção e de seus leitores. E a terceira é marcada pela reviravolta filosófica promovida pelo materialismo do encontro, propondo o “[...] primado do aleatório sobre a relacionalidade” (Morfino, 2006, p. 16).

⁴ “Pela quantidade e qualidade das publicações a que deu lugar, podemos apreciar o impacto da publicação desses textos tardios de Althusser, que provocaram tomadas de posição combativas e apaixonadas, seja para defender essa nova inflexão no pensamento do autor – considerada desafiadora e produtiva –, seja para decretar o fim de um pensamento que se mostraria esgotado e inútil” (Zoppi-Fontana, 2005, p. 26).

⁵ “O vazio não é nada mais que a condição de possibilidade da flutuação, é o conceito necessário para pensar a flutuação, a ausência de plano que precede o encontro dos elementos, mas não tem nenhum significado por si” (Morfino, 2006, p. 21). O vazio antecede o sentido, assim como o real, esse desejo lacônico.

⁶ Althusser sugere que Marx foi um materialista do encontro repartido por uma incoerência filosófica: “[...] forçado a pensar dentro de um horizonte esfacelado entre o aleatório do Encontro e a necessidade da Revolução” (Althusser, 2005, p. 24).

⁷ Remete ao conceito dos jogos de linguagem do Wittgenstein das *Investigações Filosóficas*. Conceito que dramatiza a dimensão agentiva da linguagem em cada novo contexto de jogo, se distanciando de uma apreensão metafísica dos signos.

Terceiro argumento que quero ressaltar segue: “Qualquer encontro é provisório, mesmo quando dura” (Althusser, 2005, p. 14). A pega de nenhum encontro é tão forte que seja indefectível, o que reforça o caráter contingente do encontro e dos seus produtos fundados. Se tomarmos por exemplo a linguagem, minha matéria de/para filosofar, ela jamais existiria se os homens não fossem levados a um encontro que durasse. A história linguística nos presenteia com diversas narrativas de línguas vivas, mortas e ‘zumbis’ (Perley, 2012). Línguas que foram extintas, exterminadas, decepadas⁸, línguas cuja pega se soltou e a existência se desfez. Qual pega fica e qual solta é um gesto contingente, criativo e transformativo. É nesse movimento que a aleatoriedade passa a ser imbricada na materialidade. Definindo o materialismo do encontro em três princípios organizadores, Althusser (2005, p. 28) ressalta primeiramente a necessidade de que um encontro tenha havido no “[...] pretérito perfeito [...]” para que um ser qualquer exista – ou, em outras palavras, signifique. Nessa parte do texto, ele conjuga ‘fortuna’ à ‘conjuntura’. No segundo princípio ele condiciona a existência do encontro e, consequentemente, de qualquer existência: “Só há encontro entre séries de seres resultantes de muitas séries de causas” (Althusser, 2005, p. 28). Esse princípio remonta claramente à Ética de Espinosa em seu movimento⁹ de decomposição desse complexo deus-Natureza que remonta ao infinito. Na descrição dos corpos, exposta na proposição 36 da primeira parte, Espinosa sugere: “Não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito” (Spinoza, 2009, p. 41). Como entendo: dos encontros se seguem outros. O terceiro e último princípio caracterizador do materialismo do encontro reproduz integralmente:

3. Cada encontro é aleatório; não somente nas suas origens (nada garante jamais um encontro), mas nos seus efeitos. Dito de outra maneira, cada encontro, embora tenha acontecido, poderia não ter acontecido, mas sua possível negação esclarece o sentido de seu ser aleatório. E todo encontro é aleatório em seus efeitos pelo fato de que nada nos elementos do encontro desenha, antes do encontro mesmo, os contornos e as determinações do ser que surgirá (Althusser, 2005, p. 29).

A aleatoriedade que Althusser colore, habita a origem do encontro e seus efeitos e celebra o silêncio, o vazio e o nada como condição de existência de qualquer encontro. O silêncio como “[...] condição política do encontro” (Althusser, 2005, p. 13) em Maquiavel, o vazio em que se dissolvem Deus e uma teoria do conhecimento em Espinosa, o “[...] nada de sociedade como essência de qualquer sociedade” (Althusser, 2005, p. 22) em Rousseau, são pensados por Althusser não apenas como a origem, mas como a própria Finalidade e Necessidade filosóficas. E essa atitude movente, passante é equalizada por ele com uma postura materialista em filosofia: “O materialista pega o trem andando sem saber de onde ele vem nem para onde ele vai” (Althusser, 1994a, p. 581-582). Nessa linha de pensamento, ele também sugere que “Nada mais materialista do que esse pensamento sem origem nem fim. [...] se recusar a pensar sobre o fim como causa originária (no reflexo especular da origem e do fim) é de fato pensar como materialista” (Althusser, 1992, p. 193).

O materialismo do encontro é uma posição filosófica que escancara o fato de que o que é, o que existe, a atual conjuntura poderia nunca ter sido, pois o encontro poderia nunca ter acontecido, ou se acontecido não ter pegado, ou se pegado, ter se soltado. Assim, aquele fonema poderia nunca ter sido, não fosse um encontro articulatório específico, aquele signo poderia não ter sido, ou ter sido outro, outros fossem o encontro do lápis no papel. O materialismo do encontro de Althusser sugere que a contingência seja uma chave interpretativa para realidade e que ela seja a real Necessidade da filosofia. Inspirado pelo materialismo do encontro, poderíamos pensar numa contingência pervasiva do sentido e dos processos de significação? Quais seriam as consequências dessa ideia para a episteme linguística? Para a filosofia da linguagem? Para a Lógica formal? Certamente não responderei essa última questão por não ser capaz de encontrar a verdade. Em lugar disso, me pergunto de que linguagem cuida a filosofia? Como alternativa ao filosofar sobre uma “[...] estrutura conceitual presente naquelas linguagens particulares de maneiras diferentes [...]” (Cabrera, 2003, p. 17), prossigo ao discutir o real da língua como o nada filosófico que precede o encontro.

O real da língua: o equívoco e o encontro

Essa parte do texto propõe pensar o real da língua como o equívoco que precede o encontro. Também é um convite para pensar o equívoco em relação ao encontro fundador do sentido, ressaltando a *pega* que faz durar o encontro como fator definidor da significação e ressaltando o nada que jaz antes da pega. É por meio do equívoco que a língua encontrará o impossível contido nela. Esse impossível é seu real. Em contraposição às

⁸ Para Anzaldúa (2009, p. 306), “[...] línguas selvagens não podem ser domadas, podem apenas ser decepadas”.

⁹ A própria definição de Deus na primeira parte da Ética também remete a tal movimento, como vemos na proposição 6: “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (Spinoza, 2009, p. 13).

dimensões simbólica e imaginária, para Lacan, o psicanalista que aplicou o conhecimento saussuriano sobre a psicanálise freudiana, o real se inscreve no impossível, na impossibilidade de experiência de uma realidade despida do simbólico e do imaginário. O real, portanto, se dá no espaço em que a linguagem se engasga, gagueja, tropica, se equivoca. “O real da língua é o impossível que lhe é próprio” (Gadet & Pêcheux, 2004, p. 52), e por isso Zoppi-Fontana (2014, p. 33) o descreve como: o “[...] impossível da ordem simbólica”.

Milner (2012) toma o termo real como empréstimo¹⁰ de Lacan, e o projeta sobre a língua para se remeter ao próprio da linguagem: aquilo que dramatiza sua natureza simbólica e a aproxima do intangível, ao passo que a afasta da lógica e da ordem social. Leitores de Milner explicam: “[...] o real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do chiste e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo” (Gadet & Pêcheux, 2004, p. 55).

Na obra lacaniana, o real é caracterizado como impossível, como aquilo que resiste ao sentido, aquilo que é simultaneamente despido de significado e significativo: “[...] uma pesada insignificância sobre a qual não há nada sem sentido” (Kristeva, 1982, p. 2). Sem dúvidas de que o abjeto sobre o qual teoriza Kristeva recaia no real, me aproprio da reflexão da autora para pensar o real da língua propondo o sentido como um colono ‘no limite da não-existência’. Com Milner, podemos oferecer outra alegoria explicativa: que a poesia seja a ponte entre a língua e seu real. Nesse ponto do texto, torna-se impossível ignorar a relação epistêmica do real da língua com o inconsciente. Lacan introjeta o inconsciente na linguagem não apenas como o real, mas como sua condição: “[...] o inconsciente é a condição da linguística” (Lacan, 2003, p. 40). Na leitura de Machado (2011, p. 275), o inconsciente condensa “[...] a relação com o real e o fora de sentido”. Essa leitura, por sua vez, é tributária de Gadet e Pêcheux (2004) que pensam o real da língua (interno ao processo de significação, que jaz na estrutura linguística) e a história (o que está fora do sentido e habita a contradição). Como autora e autor explicam:

A questão de um real da língua inscreve-se nessa disjunção maior entre a noção de uma ordem própria à língua, imanente à estrutura-de-seus-efeitos, e a de uma ordem exterior, que remete a uma dominação a conservar, a reestabelecer ou a inverter (Gadet & Pêcheux, 2004, p. 30).

É importante ler a citação acima com a certeza de que o projeto intelectual de Gadet e Pêcheux dependia da junção entre real da língua e real da história para sustentar o materialismo histórico que eles propõem como epistemologia linguística e como caminho para filosofar sobre a linguagem. Esse apreço por processos históricos é justamente o ponto que divide os expoentes do materialismo histórico do expoente do amor da língua. Gadet e Pêcheux (2004, p. 52) acusam Milner de uma concepção “[...] parodística, narcísica e cega [...]” de história, negando a ela sua inscrição no real. Esse debate esconde um paradoxo pulsante: enquanto Gadet e Pêcheux querem fazer desaparecer o sujeito fundante nas tramas da história e do discurso, Milner quer ver emergir o linguista desejante, seus sentidos subjetivos e seus desejos (de língua). Se a questão do real da língua para Milner esbarra nos desejos, na subjetividade e no inconsciente, para Pêcheux e Gadet, a questão de um real da língua é “[...] subjacente à da própria existência da linguística com pretensão científica” (Gadet & Pêcheux, 2004, p. 33). Esse desencontro é partidário de outro ponto de conflito sugerido pela existência de um real da língua: embora seja inatingível, ele seria suposto pelo linguista como seu material de teorização:

O trabalho do gramático e do linguista consiste em construir a rede desse real, de maneira que essa rede faça Um, não como efeito de decisões que viriam arbitrariamente rasgar essa unidade em um fluxo, mas por um reconhecimento desse Um enquanto real, ou seja, como causa de si e da sua própria ordem. Fazer linguística é supor que o real da língua é representável, que ele guarda em si o repetível, e que, esse repetível forma uma rede que autoriza a construção de regras (Gadet & Pêcheux, 2004, p. 53).

Consenso entre o autor duplo supracitado e Milner é de que o real da língua não pode ser representado inequivocamente, embora essa seja essa a árdua tarefa científica do linguista: para ele, “[...] a língua sustenta o real da língua” (Milner, 2012, p. 28), no entanto “[...] esse real [...] é essencialmente não-representável” (Milner, 2012, p. 32), é impossível de ser acessado, como o nada que precede a “pega”. Milner continua explicando que os “[...] defensores do representável estão [...] condenados a enunciar o transmissível” (Milner, 2012, p. 33). Ora, o transmissível é o unívoco, que por sua vez é um encontro de significação com pega. No entanto, “[...] o real da língua tem a particularidade de não ser reconhecido de maneira unívoca” (Milner, 2012, p. 32). O real da língua não pode ser representado porque ele é o nada que espera pelo encontro fundador, ele é o próprio equívoco que precede o Desvio originário.

¹⁰ Para aqueles que se lançam a historiografia da epistemologia linguística, pode ser interessante consultar os resultados do artigo de Machado, para quem “[...] os conceitos de inconsciente e real da língua já se encontram de forma embrionária na obra de Saussure, a despeito de sua ênfase na língua como estrutura” (Machado, 2011, p. 271).

Não obstante, “[...] sustentar que o real da língua é representável é fatalmente o passo inicial de toda gramática: consiste em reconhecer o impossível próprio da língua naquilo que ela tem de repetível” (Milner, 2012, p. 30). E as representações não apenas abundam, como “[...] entra[m] na órbita da ciência” (Milner, 2012, p. 30). Assim, o real da língua, que remete ao impossível linguístico traz um desconforto próprio da língua: a não-representabilidade de seu real. O real da língua em sua irrepresentabilidade, impossibilidade de acesso escancara o fato de que o ‘desvio é originário para a significação’. Como asseveram Gadet e Pêcheux (2004, p. 33), “[...] a realidade empírica, na sua positividade, não poderia ser confundida com o real, intrinsecamente relacionado ao impossível”. É justamente neste entrelaçamento entre a língua e sua não-representabilidade, que o desejo de língua viria para Milner corromper a ciência, pois tudo o que não se integra na representabilidade científica da linguística é pensado como “[...] exceção, [...] como parasita, assombração na língua daquilo que não é língua” (Milner, 2012, p. 32). Mas o que assombra a língua é seu real, que antecede a significação. O real da língua nos interessa aqui pela sua relação com o equívoco e com o vazio fundador da significação. Com o que é considerado fantasmagórico, não-linguístico, sem sentido, falha, ruído, barbarismo. Para Gadet Pêcheux (2004, p. 30), “[...] o barbarismo constitui a designação arcaica, ao mesmo tempo linguística e política, do exterior da língua. Ele é o sintoma, ‘pela relação com o nada’, da primeira percepção do impossível”. Essa relação do real com o nada (que grifo no excerto acima), remete ao silêncio, homofonia, homossemia, metáfora, deslizamentos de sentidos, ao lapso, ao equívoco, a tudo que aguarda pacientemente por fazer sentido, por seu encontro produtivo.

O materialismo do encontro habita esse paradoxo de ser simultaneamente a filosofia do tudo e do nada. O real da língua é o tudo e nada da língua, que está sempre à espreita para tomar a língua, para clamá-la, infectá-la com chiste, erro, com não-significatividade. O equívoco, metáfora do real, é o tudo e o nada linguístico que habita esse espaço de possibilidade de encontro significativo designado língua. Ademais, o equívoco é fundamental à língua, pois ele é palco para disputas políticas. Essa perspectiva também opera na aproximação do materialismo do encontro de Althusser e o real da língua pensado por linguistas, psicanalistas e filósofos da linguagem. Apropriando-me impropriamente da língua de Milner (2012) podemos pensar o real da língua como a bifurcação: uma forma de (pré)-existência simbólica em que ausência e presença se articulam no possível do encontro. Falar o real da língua é reconhecer a incapacidade da língua de articular e significar tudo e sua incontornável natureza de lançar-se a falha, ao erro, a sorte do encontro que pegue.

A arbitrariedade do signo e o materialismo aleatório

O arbitrário não é um fato, é o princípio teórico que está na origem da história e da cultura (Auroux, 2009, p. 25).

O arbitrário linguístico tem uma longa história filosófica que remonta ao ‘Da Interpretação’ aristotélico, em que o filósofo propõe sons como símbolos de estados de alma. A versão aristotélica da arbitrariedade do signo investe na proposta de que um conceito pode ser representado por diferentes sons ou signos gráficos por diferentes povos ou culturas. Ela foi reinterpretada e contestada ao longo da história. De acordo com Auroux (2009, p. 24), nessa história de retomadas houve “[...] dois grandes momentos que o ampliaram e fortaleceram [...]”: o primeiro seria o iluminismo, momento em cuja investigação sobre a origem das línguas deu centralidade à oposição entre natureza e cultura. O segundo foi a retomada saussuriana da arbitrariedade do signo por Ferdinand de Saussure (2006), autor do *Curso de Linguística Geral*, um projeto de instauração de cientificidade para a produção de saberes sobre a língua.

Em Saussure, é sugerido uma ausência de motivação para a relação de ligadura das partes constitutivas do signo, desfazendo qualquer vínculo motivado entre o significado (aquilo a que o signo remete) e a sua contraparte imagética, o significante. A contingência da conexão entre significado e significante celebra filosoficamente o encontro, a pega, pois “[...] o que é arbitrário não está calcado em uma razoabilidade e em uma norma que justifique seu emprego e sua discussão” (Machado, 2011, p. 279), mas no encontro, no acaso, no impossível, no equívoco, em tudo que é o outro da língua. Gadet e Pêcheux (2004, p. 56) localizam o núcleo do empreendimento intelectual saussuriano na “[...] arbitrariedade do signo”. Para eles, Saussure teria fundado a ciência linguística na questão da arbitrariedade como barganha em troca de nenhuma explicação sobre a origem, pois a linguagem é herdada (Martins, 1999), é filha de um pacto contratual feito por gerações passadas, cuja origem seria impossível remontar. Para o *Curso* de Saussure, a linguística como interesse científico começa em dois fatos: de que há língua e de que o signo é arbitrário. A hipótese de Saussure de que há língua sem origem assimilável comprovável “[...] é ancorada na própria hipótese do arbitrário do signo” (Machado, 2011, p. 279). Ao alçar esse arbitrário, essa imotivação constitutiva da relação entre significante e

significado à base do fenômeno da significação que nasce do nada, do real da linguagem, Saussure parece se inscrever na tradição do materialismo do encontro que desvenda Althusser. Com razão, Machado explica que foi no próprio Saussure que a investigação intelectual acerca da relação entre real e equívoco começa, mesmo que de forma muito incipiente (Machado, 2011).

Pela perspectiva de Milner, a arbitrariedade do signo é um sustentáculo articulador de todo o saber metalinguístico. Na sua incursão pela história da linguística, Milner (2012) sugere que a linguística contemporânea deriva das gramáticas estruturalistas e que diferentemente da psicanálise, uma geradora de discursos, que seguiu um caminho de pensamento original, a linguística se manteve presa numa “[...] escrita do repetível” (Milner, 2012, p. 62). A referência à geração de discursos, remete invariavelmente ao texto de Foucault (2009) *A linguagem ao infinito*. Nele, o filósofo estabelece distinções entre diferentes efeitos políticos de diferentes tipos de discursos, atribuindo à psicanálise um lugar de discurso fundador. A escrita do repetível, por outro lado, remete aos três axiomas saussurianos que ajudaram a delimitar e fundar uma ciência e os limites de uma disciplina. Para Foucault (1971, p. 29), uma disciplina pressupõe a possibilidade da produção infinita de novos enunciados “[...] em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade”. Os três axiomas que atribuem coerência científica à linguística seriam o ‘valor negativo’, o ‘caráter bifacial’ do signo e finalmente a ‘arbitrariedade do signo’, que, na leitura de Milner (2012), sustenta todo o saber metalinguístico como axioma norteador da significação.

A arbitrariedade do signo implica em que há na língua um “[...] dualismo absoluto” (Milner, 2012, p. 59): há duas ordens que nunca podem interagir, nem se relacionar se não for pela aleatoriedade do encontro: a ordem dos signos e das coisas mesmas, cuja “[...] relação [é] de ‘simples encontro’” (Milner, 2012, p. 59, grifo meu). Acreditando que Milner, amante da língua, não usou suas palavras em vão, o simples encontro, alegoria que remonta ao materialismo althusseriano é para ele alcunha da arbitrariedade do signo, responsável por governar relações intra e extralinguísticas, como ele descreve: “[...] o arbitrário não governa apenas a relação da coisa significada com o signo, mas também a do significante com o significado” (Milner, 2012, p. 59). Assim, conforme a crítica de Milner, o axioma fundante do estruturalismo se sustenta por uma materialidade aleatória, baseada no acaso do encontro. “O arbitrário, nesse sentido, só faz nomear o ‘encontro’ – mais bem nomeado por Lacan como contingência e, ainda, como aquilo que Mallarmé chamava de Acaso” (Milner, 2012, p. 59, grifo nosso). O grifo na palavra encontro é estratégia para direcionar a atenção à similaridade filosófica entre a forma como Milner qualifica os dogmas estruturalistas – sobretudo a arbitrariedade do signo – e como Althusser, a partir do materialismo do encontro caracteriza uma corrente subterrânea do pensamento que produziu uma forma de filosofar que, como a linguística saussuriana, ignora a questão da origem, pois se baseia no terreno da aleatoriedade, do acaso, do encontro contingente.

No entanto, Milner ataca essa arbitrariedade, defendendo que há motivação sgnica que é de ordem subjetiva e psíquica. Ele critica justamente a falta de atenção linguística à origem, clamando por uma proximidade do saber metalinguístico com a filosofia e a psicanálise. Neste ponto é quase óbvio que Milner e Althusser não entendem filosofia da mesma forma. Em sua crítica epistemológica a linguística, Milner não aceita o arbitrário como axioma pacífico na linguagem, ele o acusa de dissimular e encobrir questões concernentes à origem e que interrogam a tese primária imbuída na arbitrariedade: há língua. Ele explica que “[...] graças ao arbitrário, a linguística tem condições de ignorar” (Milner, 2012, p. 60), de modo que questões afetivas que extrapolam as relações entre sujeito e língua não podem ser colocadas no paradigma do arbitrário. Milner (2012, p. 67) questiona: “[...] tudo na experiência cotidiana vai na contramão da ideia de que, para objetos tão intimamente ligados à realidade com palavras, seja possível construir uma escrita que justamente não deva nada a essa realidade”. Nesse ponto, devo questionar se assumir a arbitrariedade ou um materialismo aleatório como horizonte reflexivo de fato significa desautorizar ou diminuir o encontro com a realidade afetiva em si. Ao contrário, pode significar tensioná-lo e elevá-lo à posição de condição da existência e realidade. Isso se mostra na fala infantil, na poesia, no equívoco, em toda linguagem que o próprio Milner ressalta como o amor da língua – ou *lalingua*.

Neste ponto me distancio de Milner: neste texto, penso o encontro como único caminho para o real e não vejo absolutamente indisponibilidade entre o materialismo do encontro e o real da língua. Se existe um real, ele é oriundo do encontro e também é obliterado por ele. O real é um desejo melancólico. Ele é o nada e tudo que antecede o encontro com o simbólico. Milner não compartilha tal perspectiva. Em outro ponto do texto ele critica o fato de “[...] que tal som remeta a tal sentido, que tal signo remeta a tal coisa é pensado atualmente como ‘puro encontro’” (Milner, 2012, p. 60, grifo nosso) propondo o encontro arbitrário como um ponto cego

na filosofia do pensamento linguístico, ponto este que Althusser considera como uma forma de pensar deveras materialista. Forma de pensar que acredito se materializar aqui numa poética de estudos althusserianos de linguagem: *uma hermenêutica do encontro*.

As críticas de Milner convidam a elucubrar sobre a relevância da arbitrariedade do signo – pervasiva no conhecimento metalinguístico – para o materialismo aleatório, como um possível elo perdido dessa corrente subterrânea. Embora eu concorde com as críticas epistêmicas de Milner quanto a linguística positivista e sua despoetização científica, defendo aqui – talvez por cegueira imaginativa – a arbitrariedade como percurso ético viável para a significação e penso que o autor concordaria que o encontro é o Desvio do real – da língua ou não, porque o debate sobre real da língua para Gadet e Pêcheux, leitores de Milner, Saussure e Althusser se refere a uma posição materialista em linguística. Neste ponto, nos cabe questionar se seria possível pensar na expansão da corrente subterrânea do materialismo do encontro, incluindo toda a linguística, semiótica que se fundou na arbitrariedade do signo se desenvolvendo a partir do *Cours* (Saussure, 2006) e antropologia que se fundou a partir de Lévi-Strauss? Embora essa questão demande mais investigação, acredito que sim, não apenas pelo acima exposto, mas pela cumplicidade entre ‘arbitrariedade do signo’ e ‘materialismo do encontro’ quanto a serem acusadas por simplicidade epistêmica. O materialismo do encontro vive nessa ambiguidade entre ser uma filosofia do tudo e do nada. No entanto, como Althusser provoca, a diferença entre o tudo e o nada é uma diferença de perspectiva. Ao contrário de Althusser, penso que a diferença entre o tudo e o nada seja o signo, a produção semiótica de um estímulo significativo. O signo saussuriano é a fronteira entre o real da língua e a materialidade discursiva. Se na ciência linguística desde Saussure qualquer preocupação com o real da língua recai sob uma tentativa de debruçar-se sobre o impossível, de tocar o impalpável, de buscar os elementos que antecedem o encontro, o signo é a fronteira desse impossível, é o limite da arbitrariedade material do discurso. Pensar a arbitrariedade do signo como parte do materialismo do encontro permite pensá-la como processo contextual de fundação e criação de nova história, presente e possibilidades do porvir libertas da Causa, Finalidade e Origem.

Materialismo do encontro e significação

Nas seções anteriores, eu apresentei o *Materialismo do Encontro* de Althusser (primeira seção), aproximando-o do ‘real da língua’ pela sua afinidade com o equívoco e com o impossível (seção dois). Na terceira seção, discutimos a aleatoriedade dos encontros em sua relação com a ‘arbitrariedade dos signos’. A partir dessa escrita filosófica que investe na arbitrariedade do signo como conceito afim do materialismo do encontro, é objetivo, nessa seção, inscrever o aleatório e o encontro no seio dos processos de significação. Acredito ser o aleatório uma forma de embate epistêmico com a estrutura e um convite a uma ciência da linguagem comprometida com o intangível e com o Desvio. Na linguística, sua historiografia e na filosofia da linguagem o sentido pode ser frequentemente pensado como submetido a estrutura. Nesse cenário filosófico, o “[...] primado da ausência sobre a presença” que Althusser (2005, p. 26) propõe, a partir do materialismo do encontro parece torcer a compreensão da significação assumindo o ‘primado do nada sob a estrutura’, como ponto de início. Assim descrevo a insurgência althusseriana à prevalência dos jogos de linguagem (Wittgenstein, 2022) sobre a estrutura/forma nas vielas do sentido. É a virtualidade potencial germinativa do signo que vale e não sua posição em estrutura na qual aprisionamos os horizontes de nossos olhares.

Entender os percursos de sentido pelas vielas da significação como fenômenos do encontro foi inspirador desde a leitura da primeira página do texto, quando Althusser nos molha de chuva. Contudo, foi apenas na página 30, que ele finalmente nos entrega a tese que nos deixou segurando a respiração em anseio texto afora: a tese de que ‘a produção de sentido é encontro’. Ele postula explicitamente no fim do texto que o “[...] encontro primeiro neste mundo [foi] o encontro entre os conceitos e as coisas” (Althusser, 2005, p. 30). Por essa perspectiva, não apenas os fenômenos da significação seriam um expoente do encontro filosófico, mas eles seriam o encontro primeiro, o encontro entre o real e o simbólico que fundou a capacidade de se referir ao mundo, nele intervindo, e permitindo o surgimento de um saber metalinguístico que reflete sobre o sentido e sobre nossa relação com a língua.

Porém, esse encontro primeiro entre um sujeito, um *thauma*¹¹ e um discurso filosófico se dá no vazio e ‘pega’, dá liga. “Mas este vazio político é, em princípio, um vazio filosófico. Não se encontra nenhuma Causa que preceda seus efeitos” (Althusser, 2005, p. 14), apenas o encontro jaz na origem dos sentidos que duram

¹¹ Para Aristóteles (2013), a filosofia começa com um espanto (thauma).

ou não. Ademais, o encontro que faz existir o sentido pode se dar ou não. Se ele se dá, ele pode ‘pegar’ ou não. A falha que espreita os encontros é uma potencialidade negativa de todo e qualquer encontro, de todo e qualquer sentido. A partir dessas ideias, Althusser se erige radicalmente contra a racionalização distópica das tramas históricas que poderiam fornecer modelos explicativos para situações inaceitáveis por qualquer perspectiva ética, como a escravidão dos povos africanos. Ele explica que “[...] se não há Sentido da história (um Fim que a transcenda, de suas origens até seu término), pode haver sentido ‘na’ história, porque este sentido nasce de um encontro efetivo e efetivamente feliz ou catastrófico, que é, também, ‘sentido’” (Althusser, 2005, p. 30, grifos nosso) e não verdade.

Primeira decorrência relevante de encarar a significação como encontro pode ser recuperada pelo seguinte trecho do texto em questão: “A existência mesma dos átomos só lhes advém do desvio e do encontro, antes dos quais eles só levavam uma existência fantasmática” (Althusser, 2005, p. 11). A ideia de não anterioridade se torna viva, uma vez que antes da pega só há fantasma, só há vazio, só há nada e queda sem encontro. Antes do encontro e da pega só há equívoco, o impossível, o impalpável, inatingível. Antes do encontro significativo, há o real da língua. Na sua relação com o real, os sentidos são constitutivamente abertos, sujeitos a falhas, derivas. São efeitos do encontro e não de verdades. É por isso que nesta relação linguística com o real há deslizamentos de sentidos: a relação é antecidida pelo nada.

Com a discussão em tela, podemos elencar uma segunda consequência: a pega cria os sentidos anteriores a si, depois do encontro. O “[...] todo que resulta da pega do encontro não é anterior à pega dos elementos, mas posterior” (Althusser, 2005, p. 32). Isso quer dizer que a significação é sempre criativa, produtiva, e, inevitavelmente, performativa: ela performa a racionalização de sua própria origem e finalidade. Assim, não há nenhuma predisposição ao encontro, nenhuma razão histórica para que ele se dê e pegue. Ao contrário, “[...] é o encontro mesmo que, do exterior, atualiza e modifica os termos que ele próprio põe em relação para torná-los afins e coerentes” escreve Morfino na nota IXL da tradução de Althusser citada (Althusser, 2005, p. 47). Eu certamente não sou o primeiro linguista interessado em filosofia que pensa o materialismo do encontro como aporte alegórico para significação. Zoppi-Fontana (2014) aproxima o conceito de ‘acontecimento discursivo’ (Foucault, 1971; Pêcheux, 2015) do encontro e da pega, propondo que ele deve ser entendido pelo primado da contingência. Assim ela articula os dois conceitos: “[...] o acontecimento histórico, o encontro, não somente é imprevisível, mas, também, não é necessário: a necessidade é efeito de sua ocorrência e de sua duração, não sua causa” (Zoppi-Fontana, 2014, p. 31). Neste texto, proponho, por uma perspectiva filosófica sobre a produção de sentido, criar um paralelo que credite toda e qualquer significação – com toda a falha, equívoco, impossibilidade que ela subentende – ao encontro, portanto, radicalizando a contingência no seio da produção de significado e atribuindo especial visibilidade ao Desvio. Terceira decorrência se refere a perturbação de uma aporia tranquilizadora: a discussão da significação em face de dois modelos explicativos que remontam ao Crátilo (Platão, 1973): a verdade do signo é metafísica ou convencional. O encontro é uma pedra no caminho da aporia perfeita nata no Crátilo, pois a faz perder força opositiva. Afinal de contas, o encontro fornece explicação filosófica tanto para a natureza quanto para a convenção.

Última decorrência que gostaria de ressaltar para a pensar a significatividade em termos políticos seria aceitar que encontro é Desvio e, portanto, o desvio e o erro não apenas abrangem o certo, mas constituem toda e qualquer produção de sentido. Desvio é a possibilidade do encontro. Por isso, só há língua na sua possibilidade de ser torta, de não levar uma vida reta, comprometida com o certo. Só há língua na sua possibilidade de equívoco, uma possibilidade que assombra os encontros sem pega.

Toda significação é, por definição, passível de equívoco, de mal-entendido, de forma que esses não são fenômenos secundários, que, eventualmente, comprometeriam uma suposta clareza na comunicação. O equívoco sempre é possível pelo fato de os sentidos não existirem *per se*, nem estarem predeterminados por propriedades da língua (Zoppi-Fontana & Diniz, 2018, p. 96).

O equívoco espreita, pois, significação é encontro com pega. O equívoco é constitutivo porque ele é o real que antecede a pega. É importante ressaltar que um encontro aleatório não é menos significativo nem menos afetivo por ser aleatório. A aleatoriedade lhe confere seu contexto de surgimento. Assim, proponho o encontro como uma explicação densa e robusta não apenas para fenômenos de significação, mas para a existência de pegas fortes e dogmáticas que direcionam sentidos hegemônicos, e para a vida linguística que viu vingar certas ligaduras de sentido e se soltar tantas outras na chuva do tempo.

Considerações finais

Aleatoriedade, acaso, contingência são em *A corrente subterrânea do materialismo do encontro*, um modelo explicativo que se volta para história política através da alegoria do encontro. Um modelo filosófico que proponho aqui para pensar a significação, esta encruzilhada onde Exu pega na mão de linguistas e filósofos simultaneamente. Proponho que o conceito de encontro em Althusser não seja apenas fundamental para se pensar a realidade histórica e política, mas aporte conceitual vigoroso para se pensar os fenômenos da linguagem e da significação.

Os sentidos produzidos seriam, a partir de tal modelo explicativo, resultados de encontros que pegam, dão liga. Esses encontros que se fazem significativos são aleatórios não somente em sua origem, mas também em seus efeitos, deslocam a origem do lugar de motivação e verdade. “Dizer que no início era o nada ou a desordem é se instalar aquém de qualquer montagem e de qualquer ordenação, é renunciar a pensar a origem como Razão ou Fim para pensá-la como nada” (Althusser, 2005, p. 25). Ao esvaziar a origem como fonte de sentido, institui-se que é na sucessão de encontros que o mundo vai se constituindo e a significação se faz. Uma vez pegas, as ligações entre significado e significante que se encontram passam ao reino dos sentidos, produzindo significação. E a significação é o resultado de um encontro breve, que por vezes pega, ou não vinga. Pois a pega do encontro está “[...] assombrada por uma ‘instabilidade radical’” (Althusser, 2005, p. 30, grifos nosso). Assim se instaura “[...] o ‘primado do nada’ sobre qualquer ‘forma’, e do materialismo aleatório sobre qualquer formalismo” (Althusser, 2005, p. 27-28, grifos nosso).

Propor o materialismo aleatório como teoria da significação, derivar do materialismo do encontro uma ‘hermenêutica do encontro’ como modelo que subjaz toda a produção de significado que pulula dos encontros no próprio real da língua é uma ideia que se insere em uma corrente de pensamento que segundo Althusser sofreu recalques e denegações ao longo da história, mas que parece perpassar também a produção de conhecimento linguístico estruturalista desde Saussure. Quais seriam as decorrências filosóficas de pensar o pai da linguística – também muito influente nos estudos de antropologia – como um materialista do encontro? A decorrência que eu gostaria de ressaltar para encerrar essa reflexão se dá no debate entre sofistas e socrático-aristotélicos: nem um pacto contratualista em torno de uma convenção, nem uma vinculação a uma entidade real ou mental garantiriam à palavra estabilidade, mas um encontro com pega. Um encontro durável que dramatiza a aleatoriedade e arbitrariedade da significação e da história.

Referências

- Althusser, L. (1992). *O futuro dura muito tempo*. Companhia das Letras.
- Althusser, L. (1994a). Portrait du philosophe matérialiste. In L. Althusser. *Écrits philosophiques et politiques* (Vol. I, pp. 581-582). Stock/Imec.
- Althusser, L. (1994b). Le courant souterrain du matérialisme de la reencontre. In Althusser, L. *Écrits philosophiques et politiques* (Vol. I, pp. 539-579). Stock/Imec.
- Althusser, L. (2005). A corrente subterrânea do materialismo do encontro. *Crítica Marxista*, 1(20), 9-48. <https://doi.org/10.53000/cma.v12i20.19565>
- Anzaldúa, G. (2009). Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, 39, 305-318.
- Aristóteles. (2013). *Da interpretação* (J. V. Teixeira da Mata, Trad.). Unesp.
- Auroux, S. (2009). *Filosofia da linguagem* (M. Marcionilo, Trad.). Parábola.
- Cabrera, J. (2003). *Margens das filosofias da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologia e metacríticas da linguagem*. Universidade de Brasília.
- Foucault, M. (1971). *Ordem do discurso*. Edições Loyola.
- Foucault, M. (1972). *Arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Vozes.
- Foucault, M. (1993). Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*, 1(19), 203-223.
- Foucault, M. (2009). A linguagem ao infinito. In M. B. Motta (Org.), *M. Foucault Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema* (Ditos e Escritos, Vol. 3, pp. 14-71, I. A. D. Barbosa, Trad.). Forense Universitária.
- Gadet, F., & Pêcheux, M. (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Pontes.
- Kristeva, J. (1982). Approaching Abjection. In J. Kristeva. *Powers of horror* (pp. 1-31). Columbia University Press.

- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 400-447). Zahar.
- Machado, B. F. V. (2011). Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. *ALFA: Revista de Linguística*, 55(1). <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4177>
- Martins, H. (1999). Três caminhos na filosofia da linguagem. In F. Mussalim, & A. C. Bentes (Orgs.), *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos* (Vol. 3, pp. 441-473). Cortez.
- Milner, J.-C. (2012). *O amor da língua* (P. S. Souza Júnior, Trad.). Unicamp.
- Morfinho, V. (2006). O primado do encontro sobre a forma. *Crítica Marxista*, 13(23), 11-33. <https://doi.org/10.53000/cma.v13i23.19521>
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* (E. Orlandi, L. C. Jurado Filho, M. L. G. Corrêa, & S. M. Serrani, Trans.). Unicamp.
- Pêcheux, M. (2015 [1988]). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (7a ed.). (E. Orlandi, Trad.). Pontes.
- Perley, B. C. (2012). Zombie linguistics: experts, endangered languages and the curse of undead voices. *Anthropological Forum*, 22(2), 133-149. <https://doi.org/10.1080/00664677.2012.694170>
- Platão. (1973). *Diálogos. Vol IX – Teeteto e Crátilo*. (C. A. Nunes, Trad.). Universidade Federal do Pará.
- Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. Cultrix.
- Spinoza, B. (2009). *Ética* (T. Tadeu, Trad.). Autêntica.
- Tosel, A. (2012). Matérialisme de la reencontre et pensée de l'événement-miracle. In A. Ibrahim (Org.), *Autour d'Althusser* (pp. 19-53). Le Temps des Cerises.
- Wittgenstein, L. (2022). *Investigações filosóficas*. (G. Rodrigues & T. Tranjan, Trad.). Fósforo.
- Zoppi-Fontana, M. G. (2014). Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. *Revista Conexão Letras*, 9(12). <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55118>
- Zoppi-Fontana, M. G., & Diniz, L. (2018). Declinando a língua pelas injunções do mercado: institucionalização do português língua estrangeira (PLE). *Estudos Lingüísticos*, 37(3), 89-119.